



A pluricronotopia da escrita acadêmica na pós-graduação

The Plurichronotope of Academic Writing in Graduation School

Guilherme Brambila

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil.

guilhermebrambilamanso@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7978-5020>

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar a presença de múltiplos cronotopos manifestados no depoimento de alunas de pós-graduação a respeito do processo da escrita de suas dissertações e tese. Com base na teoria bakhtiniana e guiado pela análise metalinguística (BAKHTIN, [1975] 2002; [1924] 2011; VOLOCHÍNOV, [1929] 2017), o trabalho evidencia três cronotopos que constituem e transformam a experiência de se escrever na pós-graduação. Esses apontamentos propõem a perspectiva de que há diversos fatores que colidem com essa atividade linguístico-discursiva, devendo-se tornar pauta conjunta à formação de novos pesquisadores.

Palavras-chave: cronotopo; escrita acadêmica; pós-graduação.

Abstract: This paper aims to analyze the presence of multiple chronotopes manifested in the testimony of graduate students about the writing process of their dissertations and theses. Based on Bakhtinian theory and guided by the metalinguistic analysis (BAKHTIN, [1975] 2002; [1924] 2011; VOLÓCHINOV, [1929] 2017), the work highlights three chronotopes that constitute and transform the experience of writing in graduate context. These notes propose the perspective that there are different factors that collide with this linguistic-discursive activity, which should become a joint agenda for the new researcher's formation.

Keywords: chronotope; academic writing; graduation school.

Recebido em 28 de fevereiro de 2022

Aceito em 07 de junho de 2022

1 Considerações iniciais

A escrita é uma atividade humana complexa e que assume diversas frentes a depender do enfoque analítico empregado. Tal qual aludido em *Fedro*, de Platão ([370 a.C.?] 1975), essa atividade pode assumir o papel de estabilização do efêmero, demarcando na memória de uma civilização a existência de sujeitos e ideias. Podemos afirmar que essa perspectiva ainda se mantém nas diversas esferas de atividade humana em que respondemos, uma vez que o ato de escrever articula-se à vida de cada sujeito como uma forma potente de demarcar sua não indiferença em meio à interação social.

Na esfera acadêmica, tema central do presente artigo, a escrita e seus processos ganham uma profundidade importante e que precisam estar na lente analítica de linguistas aplicados e de professores de escrita acadêmica. As dinâmicas com a linguagem que culminam na produção do texto nos gêneros dissertação e tese precisam ser consideradas em sua complexidade de nuances, na constante busca por refutar um caráter único ou puramente técnico de se escrever no contexto acadêmico-científico. Assim, importa considerar que a produção desse tipo específico de texto, apesar da inevitável submersão em questões teóricas que fornecem enquadres rígidos à língua, é, sobretudo, um ato humano que demanda do pesquisador em formação posições axiológicas frente ao desafio da socialização acadêmica via linguagem verbal.

Apesar de assumirmos a existência de uma escrita dita “acadêmica” (que a diferencia da escrita escolar, cotidiana, informal, jurídica etc.), as discussões do presente texto orientam uma tomada de posição problematizadora sobre o assunto, a fim de que evoquemos os tempos-espacos diversos que podem emergir e coexistir nessa prática com a linguagem.

Especificamente, o presente artigo debate os cronotopos no processo da escrita na pós-graduação. Desse modo, tomamos o conceito de cronotopo a partir dos estudos bakhtinianos e realizamos uma proposta de leitura dessa ideia para o contexto da escrita acadêmica. A partir de resultados obtidos em pesquisa de doutorado (BRAMBILA, 2021), defendemos que há convergências e divergências tempo-espaciais que produzem uma pluricronotopia no ato da escrita da dissertação ou tese, o que se torna uma provocação para pensarmos de que maneiras essa atividade linguístico-discursiva se faz complexa na vida do pesquisador em formação.

Além desta Introdução, este texto possui três seções sobre as quais conduziremos o cerne do debate. Na seção 2, apresentamos noções acerca do cronotopo, tomando como referência tanto os postulados de Bakhtin ([1975] 2002; [1924] 2011) quanto os de pesquisadores contemporâneos, com vistas a realizar interfaces com o contexto da pós-graduação. Na seção 3, propomos observar e caracterizar três cronotopos possíveis e aparentes que se materializam na experiência singular da escrita acadêmica, bem como seus desdobramentos na vida do pesquisador em formação. Na seção 4, por fim, utilizamos excertos de entrevistas de duas pós-graduandas que relatam suas experiências com a produção da tese e da dissertação, permitindo-nos observar de que maneira a pluricronotopia faz parte da escrita e da vida dessas pesquisadoras.

2 O cronotopo bakhtiniano e sua atualidade para o contexto da escrita na pós-graduação

O objetivo principal da presente seção é propor uma leitura sobre o contexto das práticas letradas na academia contemporânea, sobretudo no que diz respeito ao processo da escrita, a partir da concepção de cronotopo em Bakhtin. Tal proposta se justifica a partir de resultados oriundos de pesquisa de doutorado (BRAMBILA, 2021) que posicionam a escrita acadêmica na pós-graduação como processo atrelado a dinâmicas local e temporalmente situadas, que se inter cruzam e se manifestam na atividade verbal.

Por consequência, assumimos a defesa de que a escrita da dissertação ou tese não deve ser recepcionada como atividade estática com a linguagem, mas sim como um ato vivo e móvel, que se retroalimenta em diversos cronotopos, sejam eles institucionalmente acadêmicos ou para-acadêmicos. Assim, esse processo de escrever na academia, especificamente, é reflexo e refração formal, histórica e social, em que coexistem cronotopos tecnicamente orientados (ou não) ao escopo acadêmico-científico que estruturam e transformam a escrita, sendo imprescindível considerá-los em todo o processo de se tornar mestre/doutor.

Nessa esteira propositiva, afirmamos que o processo de escrita não limita seu acontecimento a um único cronotopo evidente – o tempo-espaço acadêmico –, mas demanda também outras instâncias da vida na composição desse ato em linguagem, dadas a responsividade e a responsabilidade (BAKHTIN, 2010) que o formam. Desse modo, no reconhecimento das tensões discursivas e organizacionais que estão

dentro e paralelas à esfera acadêmica, abre-se uma nova possibilidade analítica e pedagógica àqueles que se dedicam à pesquisa e ao ensino da escrita acadêmica.

O tempo e o espaço são uma constante na produção linguístico-filosófica do pensamento bakhtiniano. Podemos, por exemplo, mencionar a proposição da constituição ideológica do signo enquanto um desdobramento de relações dialógicas entre o sujeito, a história e a sociedade com as quais se coloca em tensão e produz enunciados concretos. Ainda, é possível citar o próprio conceito de diálogo, entendido na ótica bakhtiniana como um processo tenso no qual a existência do enunciado é constituinte das dissonâncias de discursos, oriundos de tempos e espaços distintos e que, mesmo assim, formam e transformam a materialidade enunciativa da palavra.

Clark e Houlquist (2004, p. 295), ao discutirem a relação teórico-filosófica estabelecida por Bakhtin com as noções de tempo e espaço, afirmam que “Bakhtin estava obcecado pela interconexão de espaço e tempo. Na década de 20, esse interesse era amplamente compartilhado pelos intelectuais soviéticos”. Importa também darmos destaque à profunda ligação que o conceito do cronotopo tem com a teoria da relatividade de Einstein, uma vez que, em Bakhtin, encontraremos uma proposição do conceito para a literatura, dentro de uma funcionalidade metafórica (FIORIN, 2006).

A partir de *Estética da criação verbal* ([1924] 2011), especificamente em “O tempo e o espaço das obras de Goethe”¹, faremos um enquadre inicial para a discussão conceitual do cronotopo em Bakhtin. Para fins de contextualização, importa recuperar o que justifica sua interlocução com Goethe, conforme elucida Geraldi (2003, s/p),

Goethe introduz a noção de enxergar o tempo na natureza, que não é estática e contém as marcas do correr do tempo. O espaço adquire do tempo histórico as marcas, é marcado por indícios do passado e do presente. O passado diante de mim, marcado na

¹ De acordo com Geraldi (2003), em registros de seu curso “Tópicos de Linguística V”, ministrado na Unicamp, “a nova unidade real do mundo deixa de ser produto de mente abstrata (mundo das ideias) para ser experimentada no concreto. Partindo desse pressuposto, Bakhtin começa a estudar os romances de Goethe, mostrando a noção de acontecimento como componente essencial e irremovível, e não mais fragmentos de tempos determinados”.

natureza pela criação do homem. O artista decifra os desígnios mais complexos do homem: criações, ruas, casas. O tempo não é só cíclico, mas histórico. Essa descoberta de Goethe é elogiada por Bakhtin, é a humanização do humano.

Bakhtin, partindo de considerações à obra de Goethe, reflete sobre a importância de ampliarmos nosso horizonte de observação diante do tempo-espaço no signo, no texto e no gênero discursivo. A esse respeito, Bakhtin ([1924] 2011, p. 225) afirma que:

A capacidade de *ver o tempo, de ler o tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler *os indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (grifos do autor).

Evocamos, juntamente a Bakhtin, a importância de *lermos o tempo* e todas as suas impressões e marcas na superfície material da palavra, de modo que, quando tal circunstância é ignorada, é colocada em ignorância também a constituição ideológica do signo, que se move a partir de um acontecimento cronotopicamente situado e provocado por sujeitos responsivos e responsáveis.

Bakhtin traz à tona um aspecto do tempo-espaço instigante à dinâmica da linguagem, em forma de metáfora: a capacidade de se ler o tempo no todo espacial do mundo. [...] Pensar a superfície do texto dissociada de uma constituição cronotópica é, por consequência, abstrai-lo de seu acontecimento dialético e material. (BRAMBILA, 2018, p. 122).

Em adição, é necessário não perdermos de vista para a análise do cronotopo os sujeitos e suas atividades na e pela linguagem, uma vez que as posições axiológicas na composição dos diversos movimentos de resposta alinham-se dialogicamente com os cronotopos nos quais se situam vividamente. “Qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza atrás da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 362). Ainda, ao mesmo passo que a subjetividade se constitui na tensão dialógica do existir, não submissa completamente às circunstâncias temporais e espaciais com as quais tem contato no processo enunciativo,

o cronotopo também não está integralmente subserviente ao sujeito, o que o configuraria simplesmente como pano de fundo para um suposto acontecimento monológico. Desse modo, reconhecemos a complexidade do cronotopo, sobretudo em sua potencialidade móvel e desafiadora à atividade linguístico-discursiva, visto que inspira, pela tensão, cada sujeito a tomar a palavra, em interlocução enunciativa por meio de gêneros do discurso.

Pensado dessa forma, o cronotopo, enquanto potencialmente histórico, não pode ser retirado das relações dialógicas e do axiológico sob o risco de se tornar apenas e tão-somente uma referência a um determinado espaço e a um tempo específico, concebidos como exteriores ao indivíduo, não constituintes e constitutivos do sujeito histórico em sua eventicidade como fora pensado por Bakhtin. (ALVES, 2012, p. 313).

A partir de Alves (2012), compreendemos e transpomos nossos olhares à concepção de cronotopo na constituição do processo de escrita do pesquisador em formação, sendo possível depreender que, a partir do entendimento da produção textual de uma dissertação ou tese como ato responsivo e responsável (cf. BRAMBILA, 2021), há a necessidade de compreender que há cronotopos que se organizam discursivamente em torno, sobre, sob e através dessa atividade, expandindo suas dimensões.

Com isso, defendemos (e discutiremos em exemplos concretos posteriormente) que o processo de escrita na pós-graduação não se dá em um cronotopo definido, que convirja em uma integralidade ilusória entre o que é constituinte do sujeito pesquisador, os outros de seu discurso e as instituições que abarcam sua atividade textual, mas sim em uma sobreposição de cronotopos que carregam vozes construídas em dinâmicas sócio-históricas que são colocadas em constante tensão, demandando alinhamentos por meio do pensamento alteritário, para que se reflitam em firmamentos tempo-espaciais.

O reconhecimento de uma pluricronotopia no contexto da escrita acadêmica emerge de um incômodo acerca de uma atribuição excessivamente técnica, esvaziada e em certa medida mecânica dada a essa qualidade de produção textual. Sob o pretexto e a herança da corrente racionalista que recai sobre todas as ciências tal qual um dogma (SANTOS, 1988), força-se um tempo-espaço opaco e único na concepção de escrita para a academia, ignorando que esse ato linguístico-

discursivo colide com uma sobreposição complexa de contextos oficiais e não oficiais (típicos da vida extra-acadêmica) que dão firmamentos ao processo de produção de uma dissertação ou tese, por exemplo.

As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas distâncias sociais, que não são superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 350).

Como ocorre em considerável parte das obras de Bakhtin em sua aplicabilidade nos trabalhos em linguística, é necessário considerar seu pensamento a partir de suas propostas com a teoria literária, com vistas a estabelecer pontes com outras esferas de atividade humana. Grillo (2008, p. 66) sintetiza dimensões importantes que o cronotopo alcança na perspectiva bakhtiniana em literatura, das quais nos apropriaremos para pensar a atividade verbal na esfera acadêmica.

O cronotopo serve de fio condutor para a análise de três aspectos do romance: a sua variedade, a sua temática e as relações entre as diversas esferas da cultura. Primeiramente, os grandes cronotopos tipologicamente estáveis (da praça pública, do mundo maravilhoso num tempo de aventuras, da estrada, da soleira ou da crise e da mudança de vida, do salão-sala de visita etc.) determinaram as variantes mais importantes do gênero romanesco nas primeiras etapas de sua evolução. Eles funcionaram como formas literárias para representar o contexto sócio-histórico em que os romances foram produzidos. Em segundo lugar, os cronotopos são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. Nesse sentido, o cronotopo determina o enredo do romance com seus temas e, portanto, materializa a articulação dos aspectos temáticos e composicionais desse gênero. Por fim, Bakhtin enfatiza a interação de cronotopos das esferas cotidianas e privadas com os cronotopos dos gêneros elevados dos sistemas ideológicos constituídos. Essa inter-relação é evidenciada, sobretudo, na análise da obra de Rabelais a qual sintetiza a interação entre as esferas da ideologia do cotidiano e a esfera ideológica literária.

Estando o cronotopo à disposição de compreendermos dimensões sociais e dialógicas do romance na esfera literária, observamos também sua potencialidade frente à complexidade da escrita nos gêneros

acadêmicos dissertação e/ou tese. Assim, e como ponto de partida nos estudos literários, propomos à área de Linguística Aplicada o reconhecimento de que as diferentes impressões oriundas dos cronotopos que constroem o gênero, o processo da escrita e a institucionalidade da pós-graduação na palavra de seus sujeitos corroboram o próprio tom valorativo do que é ser um pós-graduando, refletindo e refratando seu lugar por enunciados concretos e situados.

3 Cronotopos na escrita acadêmica: aspectos e desdobramentos

Nesta seção, apresentamos uma contribuição oriunda de estudos desenvolvidos em tese de doutorado (BRAMBILA, 2021) e que será tomada como um norteador da análise que findará este artigo. Tendo o conceito de cronotopo a partir de Bakhtin como uma referência teórico-filosófica, propomos três cronotopos que se evidenciam no contexto e na dinâmica de se escrever uma dissertação ou tese. Tomamos como relevante essa observação, visto que seus aspectos poderão ser administrados na diagnose de problemas relacionados ao processo da escrita na pós-graduação, que vão desde questões de cunho linguístico e formal à própria dificuldade em se lidar com a autoria e o lugar que a subjetividade tem no texto acadêmico-científico.

Especificamente, a pesquisa, a análise e os resultados da referida tese levaram à proposição de três cronotopos possíveis que assumem certa constância na vida dos pesquisadores em formação diante de seu processo da escrita: cronotopos estruturantes, cronotopos subjetivamente estáveis e cronotopos de interseção.

A partir de uma reflexão sobre as considerações de Grillo (2008), expostas na seção anterior, compreendemos os cronotopos estruturantes como aqueles que possuem características afins aos grandes cronotopos tipologicamente estáveis. Tal proposição se estabelece por não só definirem em sociedade o que é acadêmico e não acadêmico, mas também por serem responsáveis pelos contornos que norteiam a produção textual ao sujeito pesquisador. Como exemplo para este artigo, podemos citar a gestão/coordenação da pós-graduação, de sua dimensão local à nacional.

À gestão ou coordenação da pós-graduação, representativa desses cronotopos estruturantes, cabe a visão macro da produção acadêmica, uma vez que organiza institucional e discursivamente o ritmo de funcionamento da academia, corroborando suas definições e seus limites.

Tanto as coordenações de cada programa como as instituições que formulam diretrizes para uma área científica têm um papel fundamental, apesar de não estagnado, na dimensão do gênero e da enunciação na esfera acadêmica. Todavia, importa destacar que esse papel, por sua própria característica macroestrutural, precisa comumente desconsiderar as questões intersubjetivas que existem no processo da escrita, em nome de demandas como os anseios organizacionais internos e externos, o neoliberalismo acadêmico contemporâneo e as políticas educacionais de Estado. Conseqüentemente, é típico desse cronotopo estruturante a imposição de um ritmo próprio e que precisa ser obedecido para o funcionamento da pós-graduação, a ser exemplificado pela atribuição de prazos para o início e término da escrita ou pela quantificação mínima de produção/publicação em periódicos científicos.

Parece-nos claro afirmar que tais diretivas são, apesar de aparentemente distantes do cerne da escrita, cruciais em todo o seu processo, uma vez que corroboram a imposição do não lugar do pós-graduando diante de sua própria enunciação. Ao mesmo tempo, não podemos negar o claro efeito coordenativo e necessário que tal cronotopo tem para a pós-graduação, uma vez que colabora com sua distinção em sociedade, diferenciando-a como esfera de organização e identidade próprias.

Ainda na esteira propositiva bakhtiniana, os cronotopos estruturantes funcionam como forças centrípetas (BAKHTIN, [1975] 2002), sobretudo por seu caráter oficializador e condicionante a uma prática específica de linguagem. Acerca das forças centrípetas, Bakhtin ([1975] 2002, p. 81) propõe:

A categoria da linguagem única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização linguística, das forças centrípetas da língua. A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado.

Desse modo, somos confrontados por essa força centralizadora, uma vez que estipula um comportamento linguístico-discursivo específico, construído a partir de valorações bem delimitadas sobre o ser/estar na academia. Um fator a ser considerado no movimento centrípeto de homogeneização dos usos da língua na esfera acadêmica é que seu apelo pela unificação realiza, via linguagem, a produção de uma cultura acadêmica, que se verte em uma estratificação sobre o

que é ser/estar na pós-graduação. Todavia, importa pontuar que não problematizamos o caráter centrípeto dos cronotopos estruturantes por sua função organizacional da esfera acadêmica, característica sobre a qual visualizamos relevância, mas sim por sua interface paradigmática sobre a própria episteme desse lugar.

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 82, grifo do autor).

Não defendemos uma noção de língua ou de produção textual independente de forças ideológicas que se sobrepõem historicamente. Por outro lado, problematizamos a proposição, ainda que ilusória, de uma unicidade ideológica manifestada nas diretivas que firmam e organizam o que é ser/estar na academia, em prol de uma aparente uniformização da socialização. Ao mesmo tempo, a própria noção de comunidade acadêmica enquanto grupo uniforme é frágil, uma vez que somos sujeitos que exercem pontos de articulação e aplicação diversos da língua em busca de nossos objetivos singulares com o ofício científico. “Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas” (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 82).

Apartir das questões levantadas, a proposta central de problematização dos cronotopos estruturantes não se concentra em seu banimento, mas sim em uma tomada crítica sobre sua existência, a fim de compreendê-los como tempo-espaço afim ao processo emancipatório da escrita.

Para fins de sumarização, elencamos como características principais dos cronotopos estruturantes no processo de escrita na pós-graduação seu aspecto paradigmático em relação às demandas com a escrita, pautado em seu papel de identidade macroestrutural dos entornos tempo-espaciais da pós-graduação. Necessitam, portanto, de um tratamento que compreenda essas duas dimensões, uma vez que são importantes na estabilização produtiva dessa esfera de atividade humana, apesar de realizarem tal tarefa em detrimento das minúcias próprias da subjetividade que se refletem e refratam na linguagem escrita.

Em sequência, também são reconhecidos no contexto de escrita na pós-graduação os cronotopos subjetivamente estáveis, isto é, dimensões

tempo-espaciais que podem ou não estar pautadas na oficialidade do discurso institucional, mas que são regidos pelas percepções e valorações do(s) sujeito(s) que toma(m) a palavra no processo de escrita. Propositamente, apesar da aparente noção unificada de sujeito da escrita, corporificada pelo pesquisador (experiente ou em formação), tratamos de sujeito(s), em sua possibilidade plural, devido à voz do orientador em seu lugar de alteridade que vai, por uma via heteroglóssica, colocar em tensão seu tempo-espaço com o de seu orientando. Desse modo, concordamos com Oliveira (2009, p. 278), quando afirma que

O sentido da experiência na linguagem e em cada cronotopo é visto a partir do sentido da experiência de outras linguagens e outros cronotopos. A análise de um mesmo evento ocorrido em diferentes tempos e lugares configura uma análise cronotópica, ao passo que um mesmo tópico discutido por diferentes vozes ou sujeitos sociais configura uma análise heteroglóssica. No entanto, tempo e espaço também variam de acordo com a perspectiva dos sujeitos sociais. Por isso, os dois conceitos estão intrinsecamente interligados.

Diante disso, propomos pensar essa dimensão cronotópica como subjetivamente estável, uma vez que pressupõe um contato direto do sujeito com seu processo de escrever, implicando suas elaborações e valorações do tempo e do espaço nesse ato, porém não consideramos que essa relação se dê por meio de uma suposta soberania do pesquisador em formação sobre o texto. Em outras palavras, esclarecemos que as relações estabelecidas pelo pós-graduando e os outros com quem interage a favor do processo da escrita (orientador, professores de departamento, colegas da pós-graduação) constituem um tempo-espaço que dá entornos relevantes ao texto em produção. Concomitantemente, esse entorno não pode ser admitido como um cronotopo uniforme a todos que passarem pela experiência da escrita, mas sim como um tempo-espaço que se relativiza, uma vez que a singularidade de cada sujeito proporcionará diferentes dimensões tempo-espaciais.

A voz e a construção cronotópica do orientador tem um lugar relevante, com variações que se dão em cada processo relacional de orientação. Desse modo, cabe afirmar que a oficialidade da autoria de uma só voz nos gêneros discursivos dissertação e tese limita-se às questões organizacionais da pós-graduação, pois em seu cerne há um trabalho enunciativo de minimamente duas vozes, que se desdobram em infinitas outras se considerarmos percursos formativos, leituras e socializações acadêmicas (não) oficiais.

Importa, entretanto, pontuar que não há qualquer fator que obrigue uma relação combativa ou enfrentamento dialético constantemente entre o cronotopo vivenciado pelo pós-graduando e o de seus *outros*, a fim de que se promova uma aparente estabilização subjetiva. Por outra via, enxergamos nos cronotopos subjetivamente estáveis um campo de possibilidades, embate, construção dialógica e colisões discursivas, identitárias, ideológicas e culturais que conduzirão diversas dimensões do enunciado, como a sua posição valorativa frente ao problema de pesquisa, a acolhida e a negação das alteridades que construirão o arcabouço teórico-metodológico, o posicionamento e a escolha dos signos no ato da escrita etc.

A respeito da dimensão do pesquisador em formação, destacamos que o entorno cronotópico que o envolve parte de um percurso que, em linhas gerais, advém da não oficialidade em busca do discurso oficial. Conseqüentemente, essa não oficialidade constrói-se de tempos-espacos igualmente não oficiais, porém legítimos, que envolvem os locais sociais dos quais parte a voz desse autor e sua perspectiva em torno do seu tempo e do tempo do(s) outro(s) envolvidos em sua pesquisa.

Dessa forma, defendemos que o enunciado concreto de uma dissertação ou tese garante seus entornos a partir do estabelecimento de parâmetros valorados pelo pesquisador em formação, em seu constante trabalho de estabelecer-se como autor no texto e no discurso acadêmico. As noções que regem o tempo e o espaço de sua escrita são profundamente atravessadas por sua ideologia e pelas ideologias estruturantes de sua formação (advindas conjuntamente dos cronotopos estruturantes, comentados anteriormente). Logo, estabiliza-se o lugar e o tempo da escrita no gênero acadêmico devido a uma união de fatores intra e extra subjetivos que, na eventicidade de suas tensões, sustentam a materialidade do enunciado.

Atrelado ao cronotopo do pós-graduando está o do orientador, que tem papel importante na fundação dialógica da dissertação e da tese, promovendo sua natureza alteritária como fruto de um ato responsivo e responsável na e pela linguagem. Como sujeito constituído da experiência institucional e concreta com essa prática de linguagem, sua voz e sua posição cronotópica no ato da escrita são referenciais ao pós-graduando, uma vez que são estabelecidas, de maneira geral, relações de hierarquia dialogizada ou de chancela ideológica ao processo de produção textual no gênero acadêmico.

Apesar da discussão do processo de orientação ser um tópico delicado, uma vez que as experiências podem ser drasticamente diferentes de acordo com o orientador ou o orientado, cabe ressaltar que o fruto do embate histórico, social e hierárquico entre os cronotopos do pós-graduando e do orientador contribui de maneira relevante à constituição ideológica do enunciado no gênero acadêmico.

Ademais, consideramos que, juntamente ao orientador e ao pós-graduando, estão outros sujeitos envolvidos de maneira indireta ou paralela, como outros membros da comunidade acadêmica, autores lidos etc. Por consequência, não afirmamos que o texto de uma dissertação ou tese é uma estampa ilusoriamente fiel que dita o cronotopo do pesquisador em formação, mas é um conjunto de refrações desse pesquisador-autor tendo o crivo discursivo-ideológico de seu orientador como referência de seu acontecimento no léxico, no discurso e na vida.

Por fim, existem os cronotopos de interseção que compõem o processo da escrita. São, em linhas gerais, os tempos-espacos que se interseccionam parcial ou integralmente com o processo da escrita acadêmica, podendo ser de natureza sutil ou explicitamente afim. Exemplos são os entornos cronotópicos econômicos do Estado, as políticas educacionais vigentes, as perspectivas teóricas amplas que regem e demarcam suas eras, influenciando o fazer científico das áreas do conhecimento, o ritmo pouco ou muito acelerado da corrente neoliberal nas ciências, as contribuições e influências obtidas de eventos, da conversa descontraída nos intervalos, dos momentos de relaxamento e de demais tempos-espacos inerentes à vida do pesquisador em formação, mesmo que partam de uma existência não oficial.

Destacamos que a identidade principal dos cronotopos de interseção é sua constituição altamente influenciadora de todos os demais cronotopos que regem a pós-graduação e o processo de escrita, apesar de poder não ter havido pretensão explícita para tal.

Para fins de exemplificação, citamos que a atual conjuntura governamental do Estado brasileiro referente aos investimentos em educação, pesquisa e extensão é um notável exemplo de cronotopo de interseção que se impõe em efeito cascata sobre os demais cronotopos citados. Em comparação a governos anteriores, dados estatísticos (BRASIL, 2014) mostram que, entre 2002 e 2014, o número de instituições federais de ensino superior cresceu 31%, sendo que as matrículas na graduação aumentaram em 86% e na pós-graduação 316%.

Em contrapartida, o governo iniciado em 2019 posiciona-se de maneira diferente, tendo entre suas principais características o corte orçamentário e o discurso antiuniversitário.

O exemplo citado, que representa uma entre as tantas circunstâncias que figuram o tratamento dado pela chefia de Estado em exercício quando comparada às anteriores, demarca-se como um cronotopo de interseção significativo, uma vez que desenha em vias práticas e discursivas um ritmo tempo-espacial do acesso à ciência contemporânea que, conseqüentemente, altera e influencia todas as instâncias da academia, desde sua estrutura ao processo de escrita do pesquisador em formação.

É possível mencionar também a demarcação ideológica do que é e não é científico, acentuando e negando espaços da pesquisa brasileira contemporânea. Exemplos como a dissertação de mestrado com o título censurado por citar o nome do Presidente da República, noticiada pela *Revista Forum* (2019), ou a exposição de pós-graduandos por membros do governo devido ao título/conteúdo de suas pesquisas, noticiada pelo portal *Catraca Livre* (2019), são algumas práticas com a linguagem que delimitam o cronotopo contemporâneo brasileiro para a pesquisa que, apesar de diretamente não estar pautado no processo de escrita, enquadra-o e o modifica aos seus termos.

Não só os casos envolvendo diretamente posicionamentos do governo federal e de seus ministérios podem ser identificados como cronotopos de interseção, mas também a própria onda neoliberal, conservadora e anticientífica acentuada pela qual o Brasil e o mundo contemporâneo passam, impulsionada pela expansão desordenada da informação via TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e desatrelada de práticas com o letramento digital. Desse modo, são também circunstâncias atualmente drásticas que, ao se acoplarem à esfera acadêmica, influenciam-na a partir de sua força popular.

Como acréscimo está o contexto pandêmico, eclodido no mundo inteiro desde o ano de 2020, que, por sua letalidade, transformou drasticamente as dinâmicas sociais, laborais e educacionais da sociedade. O contexto tempo-espacial do caos sanitário provocado pela Covid-19 pode, conseqüentemente, ser enquadrado como cronotopo de interseção, uma vez que não há qualquer laço da referida doença com o processo da escrita acadêmica, o que não impediu que esse cenário provocasse impactos na dinâmica de se escrever uma dissertação ou tese.

Em suma, buscamos levantar a discussão de que os estudos da linguagem em interface com os postulados de Bakhtin carregam uma gama de possibilidades para que (re) pensemos os tempos-espacos da pós-graduação, bem como seus desdobramentos no processo da escrita de uma dissertação e de uma tese. Lançar um olhar atento a essas dimensões discursivas e práticas permite-nos estabelecer percepções mais complexas para a escrita na pós-graduação, afastando-a do olhar simplista que a limita a um registro de dados. Contrariamente, enxergá-la atravessada por tantos cronotopos que refletem e refratam vozes, ideologias e palavras alheias em seu acontecimento na linguagem corrobora a ideia de que lidamos com um processo essencialmente humano, complexo e continuamente pautado na vida, que concretiza seus (in) acabamentos.

4 A pluricronotopia na escrita acadêmica: as vivências na pós-graduação em pauta

Dedicamos atenção nesta seção a analisar e debater a pluricronotopia no processo da escrita da dissertação/tese a partir de relatos de pesquisadoras em formação. Especificamente, utilizaremos excertos de entrevistas realizadas com uma doutoranda e com uma mestranda, em que relataram suas experiências e impressões acerca da escrita no contexto da pós-graduação. As discentes participaram consensualmente da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)². As entrevistas ocorreram em 2019.

Dados os objetivos e o escopo do presente artigo, utilizaremos excertos para refletir sobre a presença dos cronotopos estruturantes, subjetivamente estáveis e de interseção, principalmente com ênfase no impacto que tais tempos-espacos causam na escrita acadêmica. Desse modo, mostraremos, com base na experiência singular de cada pesquisadora em formação com a escrita de sua dissertação/tese, que uma tomada essencialmente tecnicista e abstrata da escrita acadêmica, mesmo que justificada pelo rigor científico, pode se converter em um mecanismo que inviabiliza sua potencialidade formativa à vida do sujeito que escreve. Esse entendimento é também embasado na perspectiva de Prior (2004, p. 171, tradução nossa), quando afirma que

² CAAE: 03999318.8.0000.5542.

A escrita avança (e retrocede) aos trancos e barrancos, com pausas e agitações, descontinuidades e conflitos. Atos situados de composição/ inscrição são complexos por si próprios. Os escritores não estão apenas inscrevendo texto. Eles também estão relendo repetidamente o texto que escreveram, revisando o texto enquanto escrevem e voltando mais tarde para revisar, fazendo uma pausa para ler outros textos (suas próprias anotações, textos que escreveram, materiais de origem, inspirações), fazendo uma pausa para pensar e plano.

As análises são guiadas pela metalinguística bakhtiniana, considerada neste trabalho como um percurso de estudo compatível pela consideração da linguagem em meio à comunicação humana, sobre a qual o estudo da palavra deve estar ancorado nas relações intersubjetivas situadas cronotopicamente em enunciados concretos.

A palavra com as suas fronteiras inexpugnáveis, sagradas, é uma palavra inerte, com possibilidades limitadas de contatos e combinações. [...] A palavra tirada do diálogo: ela pode apenas ser citada no interior das réplicas, mas ela não pode se tornar réplica entre outras réplicas isônomas (BAKHTIN, [1924] 2011, p. 368).

Juntamente à problematização da palavra fora do diálogo e de sua proximidade com uma concepção inexpugnável de existência está a dimensão autoritária desse processo. Tal qual defende Bakhtin, essa condição não se subordina a algum estatuto linguístico específico, mas sim a dimensões metalinguísticas que pressupõem graus de alteridade e formas de relação, pelas quais se estabelece sua “exclusão da vida do discurso” (Idem).

A metalinguística, conforme defende a teoria dialógica da linguagem (BAKHTIN, [1924] 2011; VOLÓCHINOV, [1929] 2017), abarca um escopo de trabalho pertinente ao estudo da palavra, uma vez que é necessário pensar a linguagem dentro e através de si própria. Assim, os signos ideológicos constituem o discurso do sujeito, não fornecem um ponto inicial de sua gênese e estão em uma função interminável de resposta ao que foi dito, mantendo viva a cadeia dialógica da interação humana. Em suma, e de acordo com Bakhtin (2010, p. 89), “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada”.

É nesta proposição que localizamos, também, a importância da análise metalinguística no contexto da pesquisa sobre práticas letradas acadêmicas. Consideramos, desse modo, que há um caráter limitador na proposição vertical de métodos, estratégias e perspectivas sobre os usos da linguagem na esfera acadêmica, sem uma tentativa de escuta àqueles que estão na outra ponta desse processo: os pesquisadores em formação (graduandos e pós-graduandos).

Naturalmente, a experiência individual com as práticas letradas acadêmicas evoca à pauta de trabalho um leque infinito de demandas, porém isso não deve provocar um silenciamento à problematização/proposição de modelos, instrumentos e orientações sobre convenções e usos da língua no contexto de pesquisa. Cabe, desse modo, no processo de escuta ao discente, assumir a mobilidade de suas palavras e suas tentativas de elaboração enunciativa sobre suas experiências individuais como rastros para guiar o aparente problema com as práticas letradas na academia contemporânea.

Assim, e já explicitando escolhas que compõem o processo analítico, assumimos que os signos que compõem os enunciados das entrevistadas são elementos construídos ideologicamente que ligam a experiência individual com a escrita em ciência com o mundo social que estabiliza, ainda que relativamente, formas de se produzir ciência interpeladas pela linguagem.

Com base nessa premissa, ainda que sucintamente explicitada, esclarecemos que o processo de escolha dos excertos na discussão da pluricronotopia na escrita acadêmica está ligada à maneira que a interpolação desses tempos-espacos constrói um todo singular na escrita e na vida das entrevistadas, o que corrobora a refuta de uma visão meramente instrumental a essa qualidade de produção textual.

A primeira entrevistada selecionada se chama Maria, uma mulher, mãe, professora da escola básica e doutoranda na área de ciências naturais, mas que realizou seu mestrado na área de ciências humanas³. Esse último dado é importante ao presente trabalho, uma vez que se manifesta na vida e nas percepções de linguagem de Maria como um aspecto conflitante. Ao falar sobre essa experiência de uma formação em duas áreas diferentes,

³ Utilizaremos o termo “ciências humanas” e “ciências naturais” no lugar do nome específico dos cursos de pós-graduação como forma de preservar a identidade da entrevistada.

a entrevistada traz os cronotopos estruturantes como balizas importantes a dois processos de escrita completamente diferentes, em sua visão.

Então, aqui nas ciências naturais funciona da seguinte forma: eu tô como se fosse no último ano mesmo. Eu entrei em 2016, então a finalização do meu doutorado seria março de 2020, então seria meu último ano entre aspas. E aqui nas ciências naturais a gente tem uma qualificação, então já qualifiquei. Não sei se na linguística é diferente, creio que deva ser, assim como nas ciências humanas também, porque eu fiz mestrado nas ciências humanas. [...] Para mim é um desafio muito grande. Para começar a minha linguagem *lá* é uma e *aqui* é completamente diferente. Aqui é uma linguagem científica, objetiva e para mim tem sido muito difícil isso. [...] Aí eu tô na fase de escrita mesmo.

Damos destaque aos dêiticos “lá” e “aqui” e sua dimensão ideológica no enunciado concreto de Maria. O “lá”, que representa as ciências humanas, não só nos localiza geograficamente, mas também temporal e ideologicamente a respeito da concepção de linguagem e identidade da pós-graduanda. Assim, a pós-graduação em ciências humanas construiu em Maria uma concepção de pesquisa e de escrita diferentes do que vivencia nas ciências naturais, representadas pelo “aqui”. Maria não reconhece a linguagem nas ciências humanas como científica, um reflexo da orientação racionalista na práxis acadêmica, o que nos permite mais uma vez atestar que o problema da escrita na pós-graduação é social e historicamente situado.

A partir dos princípios constituintes aos cronotopos estruturantes, notamos que a mudança tempo-espacial não se coloca sobre a vida de Maria como um deslocamento físico, mas como um entorno ideológico que impacta as formas com que a estudante observa a linguagem. Enquanto na vivência do mestrado nas ciências humanas – o “lá” do enunciado de Maria – a referência da cientificidade não se estabelece na experiência individual com a escrita, no doutorado em ciências naturais – o “aqui” – esse paradigma se torna mais tangível sobre sua atividade verbal.

Observamos, conforme já elucidado pelos postulados de Bakhtin, que há um caráter não estático no tempo-lugar que vivenciamos, isto é, agimos responsivamente e de maneira alteritária. A premissa positivista e racionalista evidenciada por Maria em sua experiência no cronotopo acadêmico do programa de pós-graduação em ciências naturais provoca uma posição axiológica sobretudo acerca do que é ou não escrita

científica, demonstrando que será constante a interpenetração da ideologia na atividade linguístico-discursiva.

A pluricronotopia, conseqüentemente, se apresenta no embate de dois cronotopos estruturantes na formação intelectual de Maria, uma vez que a entrevistada expõe o conflito na admissão de cientificidade à escrita situada no cronotopo das ciências naturais e na constatação de que nas ciências humanas pôde se identificar como pesquisadora.

E a escrita, [...] para você ter uma noção, eu usei uma metodologia chamada metodologia de estudo biográfico. É uma história de vida, um tipo de metodologia que é muito subjetiva e que é você ouvir o que ele tem a dizer sobre a vida dele, é mais ou menos isso. É claro que eu, enquanto pesquisadora, coloco as minhas impressões em relação à história dele, *mas é dele, a história é dele*, ele narrou como ele quis falar sobre aquilo. Então *minha escrita* foi completamente subjetiva, uma escrita voltada para as ciências humanas e que eu particularmente me identificava muito. *Desde a graduação*. Sempre gostei desse tipo de escrita e eu não fiz bacharel. Então o meu *TCC na área de ciências naturais* foi sobre ensino para deficiente visual e já foi uma escrita voltada para as ciências humanas. Não foi uma escrita científica. E aí eu *permaneci* nela no mestrado.

Como primeiro destaque desse excerto, trazemos para discussão os cronotopos subjetivamente estáveis, marcados linguisticamente pelo “*mas é dele, a história é dele*” e “*minha escrita*”. A partir do relato sobre sua experiência nas ciências humanas, Maria coloca em voga o tempo-espaço dos participantes de sua pesquisa como interativo e transformador de seu próprio processo de escrita. Assim, nessa experiência singular, o outro (entrevistado) ocupa o espaço da vivência com a escrita da pesquisadora em formação, trazendo para essa prática com a linguagem uma segunda voz relacional que não fala por ela, mas que a atinge.

Ao admitirmos que o signo ideológico reflete e refrata posições axiológicas de sujeitos nas esferas de atividade humana, entendemos que a “*história dele*” não se apresenta como elemento ornamental no acontecimento da escrita de Maria, mas sim como referência que quebra uma suposta soberania da autora-pesquisadora, pondo-a em tensão para redigir um texto acadêmico que lide com o componente dialógico da escuta ao entrevistado, abarcando seu tempo-lugar como elemento que constrói conjuntamente os enunciados.

Há um fator tempo-espacial sobressalente no referido excerto e que se manifesta como referência à posição axiológica de Maria sobre a própria atividade verbal. Os cronotopos da graduação, da licenciatura, da experiência e da escrita passada no TCC (marcados linguisticamente em “Desde a graduação” e “TCC na área de ciências naturais”) configuram-se no processo da escrita na pós-graduação como cronotopos de interseção, uma vez que não preveriam programaticamente seus desdobramentos sobre a maneira com que Maria se colocaria ideologicamente frente ao ato de escrever nessa etapa. Todavia, a força histórico-ideológica emanada da experiência com tais esferas atravessa e retroalimenta concepções e aproximações da entrevistada com a linguagem na academia.

Outra entrevistada que também apresenta conflitos a partir da experiência pluricronotópica é Marta, que é mulher, professora da educação básica de instituições pública e privada e mestranda de ciências humanas, na época em que foi entrevistada. Daremos destaque a uma parte da conversa em que Marta refletia sobre os motivos que a levaram a escolher a área de seu mestrado (nas ciências humanas), visto que divergia de sua formação inicial (ciências naturais). A participante respondeu que a escolha se dava sobre uma expectativa de que no referido programa de pós-graduação ela encontraria um ambiente acolhedor e pacífico (cf. BRAMBILA, 2021). Ao ser questionada se essas expectativas se concretizaram, Marta responde:

Assim, não tem como comparar porque não sei como seria no caso no outro, mas eu tive uma experiência muito boa com minha orientadora em específico, então, assim, ela é muito gente boa, legal. *Me orientou mesmo. Me deixou livre também para fazer algumas escolhas. Entendeu que eu estava trabalhando.* Em contrapartida, eu acho que a secretaria do programa não. [...] Muita coisa para dar conta, gente trabalhando 40 horas, na loucura. Minha sorte é que eu estava trabalhando meio período na época.

Um dado singular presente no relato de Marta é sua relação com a orientadora e com a secretaria de seu programa de pós-graduação (que interpretamos ser a representação da coordenação, devido ao caráter deliberativo descrito). Marta evoca dois cronotopos: o estruturante e o subjetivamente estável. O cronotopo estruturante (secretaria/coordenação do programa) impõe-se de maneira programática sobre sua escrita, lançando as demais obrigações que deviam ser cumpridas para que o

mestrado pudesse ser concluído, a partir de uma visão mais generalista dos contextos sócio-históricos de produção. Por outro lado, no cronotopo subjetivamente estável (relação com a orientadora), Marta enuncia que ali é reconhecida como sujeito de identidade móvel que interage e é demandada por mais de uma esfera de atividade humana.

As percepções de Marta sobre sua orientadora dão os entornos, a partir da perspectiva discente, de como um cronotopo subjetivamente estável se estabeleceu em sua vivência da escrita e da pós-graduação como um todo. A sequência de enunciados sobre a relação de orientação, apesar de não serem interpolados por conjunções que nos dariam rastros mais certos de sua relação sintático-semântica, abarcam um viés ideológico possível a uma leitura indiciária. Em “Me orientou mesmo. Me deixou livre também para fazer algumas escolhas. Entendeu que eu estava trabalhando”, o signo também expressa ideologicamente que o trabalho da orientação não é uma relação propriamente imbricada à liberdade, mas sim adicionada a ela, sobre a qual Marta emprega uma valoração positiva em sua observação. O último período – “entendeu que eu estava trabalhando” – funciona no excerto ideologicamente com valor de consequência, uma vez que se reflete como desdobramento de uma visão comprometida e atenciosa da orientadora sobre a discente.

Marta, a partir de sua observação, mostra que a pluricronotopia não somente pode ser considerada como uma coexistência paralela de cronotopos, mas também como um acirramento de forças tempo-espacialmente construídas que se imbricam e aprofundam, por meio da multiplicidade de nuances – institucionais, ideológicas, hierárquicas etc. – que se materializam nos tempos e espaços evocados na vivência de uma atividade verbal. Consequentemente, esse cenário reforça a essencialidade humana da escrita acadêmica que, apesar de protagonizar o grande diálogo que se instaura na produção do texto na (s) ciência (s), é também vulnerável aos diversos atravessamentos históricos, sociais, locais, ideológicos que se refletem e refratam na linguagem.

Marta ainda nos fornece um dado relevante acerca do caráter central dos cronotopos subjetivamente estáveis não só no processo, mas no aprendizado da escrita acadêmica. Tal observação sobressai a partir de seu relato sobre estratégias para dirimir possíveis problemas com a escrita de sua dissertação.

Olha, a estratégia foi ir, eu acho. [...] No início a gente consegue conversar mais com as pessoas. Então, a gente escreve, pede um colega seu do curso para ler para você, ver o que ele acha, retorna. [...] No início a gente conseguia escrever mais coletivamente, eu acho, por *estar juntos da turma*. Agora quando começa sua pesquisa mesmo é um processo *muito solitário*. É você com você. Ninguém tem tempo para ficar lendo o que você está escrevendo mais, dos seus colegas. Eu não tinha aquela coisa de mandar toda semana para minha orientadora ver o que achava. Eu escrevia uma parte grande, mandava, via o que ela achava. Então minha estratégia foi, assim, ler outros textos. Lendo outras dissertações e teses da área, outros artigos, que vai mostrando um tipo de forma ou caminho que a pessoa seguiu para tentar chegar onde ela queria.

O cronotopo subjetivamente estável assume novamente uma posição importante no processo da escrita relatado, uma vez que as relações intersubjetivas, em seus diversos níveis hierárquicos e diversidades semióticas, são enunciados como propulsores do progresso quanti/qualitativo. Ao mesmo tempo, não ignoramos que esses *outros* (os colegas, a orientadora e os autores dos textos lidos) também são sujeitos singulares que enunciam concreta e responsivamente, conduzindo uma visão particular do objeto (mesmo que comumente compartilhada em sua comunidade científica). Tais particularidades tornam-se um todo axiológico que Marta recebe e no qual se referencia, a fim de acolher ou até repetir esses passos.

A valoração da escrita como ato solitário aparece novamente no contexto da enunciação discente. Contudo, interpretamos que a “solidão” evocada por Marta está ligada à escrita em seu sentido estrito, visto que são fornecidos rastros de que houve um percurso de ampla interação com as alteridades. Desse modo, refletimos que há uma visão fragmentada de escrita (e de seus processos) fortemente enraizada que impede a pós-graduanda de entendê-la como ato imbricado a outras práticas precedentes. Esse cenário é relevante, pois colabora com a ideia de que o processo da escrita é, em sentido estrito, um rito ou uma burocracia que precisamos assumir diante da dimensão organizacional de uma pós-graduação. Por outro lado, sob a perspectiva dialógica e de acontecimento alteritário na e pela linguagem, esse mesmo processo está atrelado a práticas acadêmicas e não acadêmicas, a subjetividades, a ideologias, a tempos, a espaços, a epistemologias conceituais e empíricas e a demais constitutivos da vida.

5 Considerações finais

As observações e análises apreendidas ao longo do presente texto constituem-se como provocações por, principalmente, recusarem um papel instrumentalizado que é concedido à escrita no contexto da pós-graduação. Em via diferente, a proposta apresentada busca subverter esse lugar estático, dado o caráter problemático que adquire na realidade concreta do pesquisador em formação. Desse modo, consideramos como frágil a imposição de uma visão puramente técnica à escrita acadêmica, uma vez que essa premissa requer administrar alibis (BAKHTIN, 2010) à experiência individual do (a) pós-graduando (a).

O reconhecimento de uma pluricronotopia na escrita acadêmica é, portanto, uma proposta de interlocução com a própria academia, seus mecanismos organizacionais e suas conduções didáticas no que diz respeito às práticas letradas que nela se constroem. Assim, importa admitirmos um olhar móvel ao sujeito e aos seus diversos contextos possíveis de escrita, uma vez que tal mobilidade pode suscitar estratégias bem-sucedidas ao desafio de se produzir uma dissertação ou tese.

Propomos que uma perspectiva pluricronotópica da escrita seja, sobretudo, um investimento do professor-orientador na diagnose e no acompanhamento de estudantes e orientandos no processo educacional e laboral da pesquisa. Importa admitir, assim, que as vivências sociais e as experimentações com a escrita não devem ser isoladas em relação ao momento no qual a redação da dissertação ou da tese for iniciada. Essas vivências constituirão noções de língua, de texto, de discurso e de autoria, que serão subvertidas para os fins da socialização na universidade.

Entretanto, indagamos: como aplicar essa perspectiva no ensino-aprendizagem da escrita acadêmica? Parece-nos razoável reconhecer que, apesar de o produto textual possuir características e estabilizações que o encaixem coerentemente na esfera acadêmica, isso não necessariamente obriga que o processo de produção desse texto se constitua uniformemente. Consequentemente, isso significa incluir no processo de ensino e de orientação um constante interesse não só pelo que o estudante/orientando produz, mas sobre quais noções de língua e linguagem o guiaram a produzir seus textos.

Ainda, visualizamos neste artigo uma forma de também questionar uma onda mercadológica que tem alçado voos cada vez mais robustos sobre a pós-graduação como um todo. Não é incomum observar

que mentorias e demais cursos livres de escrita acadêmica têm ganhado crescimento, sobretudo a partir de abordagens que se assemelham a dos preparatórios para outras avaliações de redação (como é o caso do Enem). Assim, a partir das reflexões aqui desenvolvidas, somos munidos de argumentos que permitem questionar a formulação e o comércio desses serviços, bem como seus impactos ao trabalho com a linguagem por pesquisadores iniciantes.

Ao admitirmos, sobretudo amparados pela perspectiva dos Letramentos Acadêmicos (BARTON, 1994; BAYHAM, 1995; FIAD, 2015; LEA; STREET, 1998, 2010), o caráter da escrita às práticas sociais letradas, entenderemos que seu fim é a existência responsável do sujeito pesquisador na cultura acadêmica, frente à qual se posiciona axiologicamente no trato com o objeto epistêmico. Por fim, importa esclarecer que o reconhecimento da pluricronotopia na escrita acadêmica não estabelece afinidade com um aparente desregramento da pós-graduação. Por outro lado, tal qual ensinam os postulados bakhtinianos, não devemos perder de vista a singularidade de cada sujeito e suas formas de articulação alteritária via signos ideológicos em gêneros discursivos, pois nessas minúcias conseguiremos observar os novos movimentos da linguagem através do tempo e do espaço.

Referências

ALVES, M. P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v24i2.19172>.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, [1975] 2002

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [1924] 2011. p. 225-260.

BARTON, D. *Literacy: An Introduction to the Ecology of Written Language*. London: Blackwell, 1994.

BAYNHAM, M. *Literacy practices: investigating literacy in social contexts*. London: Longman, 1995.

BRAMBILA, G. O texto em avaliação: do gênero discursivo ao cronotopo. *Percursos Linguísticos (UFES)*, Vitória (ES), v. 8, p. 117-131, 2018.

BRAMBILA, G. *O processo da escrita na pós-graduação: o academicismo como prática de dessubjetivação*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=15688>. Acesso: 18/07/2022.

BRASIL. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014*. Ministério da Educação, Brasília (DF), 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16762-balanco-social-sesu-2003-2014>. Último acesso em 18/07/2022.

CLARK, K.; HOULQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FIAD, R. S. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. *Pensares em Revista*, São Gonçalo, v. 6, p. 23-34, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12957/pr.2015.18424>.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, W. *Alteridades: Espaços e Tempos de Instabilidades*. Artigo escrito para os alunos do curso “Tópicos de Linguística V”, IEL, Unicamp, novembro de 2003.

GRILLO, S. V. C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 57-79, 2008.

LEA, M. R.; STREET, B. Student Writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, London, v. 23, n. 2, p. 157- 166, jun. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1080/03075079812331380364>.

OLIVEIRA, M. G. O professor e a pólis: cronotopos educacionais e inclusão social na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça,

v. 9, n. 2, p. 273-302, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322009000200004>.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 1975.

PRIOR, J. P. Tracing process: how texts come into being. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, J. P. (Orgs.) *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004, p. 167-200.

REDAÇÃO. Universidade de Santa Catarina censura dissertação de mestrado por citar Bolsonaro. *Revista Forum*, Brasil, 07 dez. 2019, s/p. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2019/12/7/universidade-de-santa-atarina-censura-dissertao-de-mestrado-por-citar-bolsonaro-65583.html>. Último acesso em: 18/07/2022.

REDAÇÃO. Mestranda exposta por Eduardo Bolsonaro é alvo de ameaças. *Catraca Livre*, Brasil, 22 março de 2019, Caderno Cidadania. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mestranda-exposta-por-eduardo-bolsonaro-e-alvo-de-ameacas/>. Último acesso em: 18/07/2022.

SANTOS, B. S. Um Discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, Cidade, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

STREET, B. Dimensões “Escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2010v28n2p541>.

VOLÓCHINOV. V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. Editora 34, [1929] 2017.